

OS TROPEÇOS DO CÂMBIO LIVRE

Mercado contradiz as projeções que o presidente faz publicamente

"Devemos ter serenidade no Brasil. Crise?", indagou Fernando Henrique Cardoso, seis dias depois de Itamar Franco anunciar a moratória de Minas Gerais. "Não é a primeira vez que nós enfrentamos dificuldades. Mas temos rumo", garantiu, em entrevista no Rio de Janeiro. Naquela terça-feira, 12 de janeiro, as bolsas de todo o mundo despencaram e o Brasil perdeu US\$ 1,2 bilhão de suas reservas.

No dia seguinte, a moeda foi desvalorizada em 8,8%. E o presidente voltou a desempenhar o papel que o tornou conhecido para a maioria dos brasileiros quando era Ministro da Economia do governo Itamar Franco em 1994: o de porta-voz do Plano Real. "A decisão abre espaço para a redução dos juros ansiosa pelo país", comemorou. Quatro dias depois o Banco Central aumentou os juros na venda de seus papéis, que servem de base para a taxa cobrada mais tarde pelos bancos na hora de emprestar dinheiro.

O resultado, no entanto, foi um terremoto nas bolsas de todo o mundo, e nova fuga de dólares do país. Em treze dias de 1999, o Brasil perderá mais de US\$ 3 bilhões de suas reservas. Na quinta-feira, 14, mais 1,8 bilhão de dólares saíram do Brasil.

O governo anunciou, no dia seguinte, que o Banco Central não intervira mais na cotação do real frente ao dólar. "Assim, manteremos nossas reservas", explicou o presidente. "Só o cumprimento das metas fiscais permitirá ampliar a confiança na economia e superar a instabilidade que temos vivido. Conto com o Congresso Nacional para isso."

Nem manter as reservas nem superar a instabilidade. Cinco dias depois estava aprovada a contribuição dos inativos à Previdência. Mais de 900 milhões de dólares escoaram das reservas nacionais até a votação vitoriosa para o governo na última quarta-feira. "O Brasil está no rumo certo", reafirmou o presidente atuando como porta-voz, em entrevista coletiva, depois da aprovação. Mas a vitória não acalmou o mercado. Apenas anteontem saíram do Brasil mais de US\$ 500 milhões.

UMA MÁGICA ACABA COM A INFLAÇÃO

No imaginário do brasileiro, a economia depende do presidente

O porta-voz se comporta de maneira semelhante a que fazia em 1994. O país e a economia mundial, não. E a nova versão de Fernando Henrique aparece à nação na constrangedora função de arriscar previsões otimistas que animem o mercado e, ao mesmo tempo, dê aos brasileiros a impressão de que eles não ficarão mais pobres. A missão é quase impossível.

"Chegou a hora de dizer: 'Foi muito bom enquanto durou, mas acabou o crédito externo, acabou

OLÍDER

INFLACIONADO

Cynthia Garda
Da equipe do Correio

Os sinais da tempestade apareceram no horizonte em outubro de 1997. Vento que sopravam da Ásia agitaram o mar, e a pouca visibilidade não permitia prever o que viria pela frente. Apesar das advertências, o comandante do navio apostou que daria para atravessar a tormenta, e não reduziu a velocidade. Em janeiro de 1999, um iceberg. No segundo mandato de FHC, a história do Plano Real assume, na analogia do economista Carlos Eduardo de Freitas, ex-diretor do Banco Central, semelhanças com a tragédia do Titanic. O comandante foi à TV tentar recuperar a confiança no projeto que

muitos passageiros do navio Brasil, seus eleitores, acreditaram que era mesmo indestrutível. Nas últimas duas semanas, contudo, foi desmentido pela realidade: na véspera da queda do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, disse que não havia qualquer mudança à vista; quando a taxa de câmbio foi liberalizada, previu a queda dos juros e dias depois eles aumentaram. "Quando um líder é forte, sabe disso. O risco dessa consciência é o que a psicologia chamaria de inflação", explica o psicanalista Frederico Menezes, do Centro de Estudos Psicopolíticos da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos. O líder infla, ocupa mais espaço do que tem direito, se torna vulnerável e, consequentemente, corre mais risco.

o frango, a dentadura e o iogurte", diz o economista Carlos Eduardo de Freitas, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que já foi o responsável pela área externa do Banco Central.

O presidente está no seu papel quando arrisca as melhores previsões possíveis. Mas, para o sociólogo, errar deve ser especialmente difícil. O acadêmico Fernando Henrique conhece essa sensação.

Em fevereiro de 1986, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, o então senador e ex-líder do governo Sarney no Congresso apoiava eleições diretas para 1987: "O que há agora é desencanto. Não houve aprofundamento de cinto, mas a inflação corrói".

As previsões de Fer-

nando Henrique incluíam a possibilidade de a Assembleia Constituinte encurtar o mandato de Sarney e de Orestes Queréa liderar o novo movimento pelas diretas. Vieram, no entanto, o Plano Cruzado, índices altíssimos de popularidade para o presidente na época, cinco anos de mandato e dez meses de estabilidade de preços e controle da inflação, como que num passe de mágica.

"A meu ver, entre os brasileiros, não existe uma percepção clara do que sejam os limites do possível do sistema econômico", avalia Freitas. "E esses limites estão balizados pela disponibilidade do crédito internacional."

O professor da FGV explica que, no início da década de 80, esse crédito secou. "Ninguém conseguiu liderar politicamente essa adaptação.

Em 1989, o país estava em plena exploração infla-

cionalária, quase ingovernável", lembra Carlos Eduardo. "Elegeu-se um líder messiânico", diz, referindo-se a Fernando Collor.

Entre 1992 e 1994, o crédito internacional voltou a ficar disponível, e o esforço feito na década anterior, mesmo caoticamente, havia reduzido muito a dívida externa.

Fernando Henrique lança um plano de estabilização, mantendo os preços em níveis relativamente baixos. O economista explica que eram baixos o suficiente para amenizar os conflitos distributivos na sociedade. Porém, baixos demais para o que a economia brasileira podia produzir.

O impasse com o qual se defronta

o Plano Real era muito semelhante ao de seu primo da década passada, o Plano Cruzado. Para resolvê-lo, eram necessárias as reformas.

Desta vez, porém, mesmo sem as reformas, foi possível manter por mais tempo a estabilidade econômica que o país conquistara, pois havia capital estrangeiro para sustentá-la. O primeiro alerta de que a fonte seca explodiu em setembro de 1997, com a Crise Asiática.

Agora, o país percebe que não há mais estabilidade financeira. E o que aconteceu com o líder da nação? Fernando Henrique pode estar inflacionado. "Quando um líder é forte, sabe disso. O risco dessa consciência é o que a psicologia chamaria de inflação", explica o psiquiatra e psicanalista Frederico Lucena de Menezes, do centro de estudos psicopolíticos da Universidade de Virginia, nos Estados Unidos e pesquisador do departamento de Ciências Políticas da Universidade de Brasília.

Seduzido por sua própria liderança, ele infla, ocupa mais espaço do que tem direito, se torna vulnerável e consequentemente, mais agressivo. A arrogância pode ser um dos sinais dessa atitude defensiva. Mas a pior consequência costuma ser notada no universo que passa a cercá-lo.

"Se o líder está muito envolvido e identificado com sua missão, cerca-se de pessoas muito competentes. Quando infla, tende a cercar-se de pessoas mais interessadas em servir à liderança do que ao projeto", acredita o psicanalista. Um líder forte pode conseguir controlar sua própria inflação, voltando a se concentrar na missão para a qual foi escolhido.

Mas o projeto de centro-esquerda desenhado para o segundo mandato parece ameaçado. E a palavra do sociólogo príncipe perde peso, avalia o cientista político David Fleischer: "Em situação de apreensão, nervosismo, com o mercado desconfiado até de sua mãe, o presidente fala, fala bonito mas não convence. O mercado exige ações."

O QUE O MERCADO QUER, AFINAL?

O governo está sob pressão para adotar posições de direita

"O grande líder é aquele que está disposto a oferecer o pescoco. A sacrificar posições, idéias, assessorias e um sem número de fatos que podem estar minando a eficiência dessa liderança", explica Frederico Menezes. E o mercado está pressionando por sacrifícios, na opinião de economistas.

Os investidores estrangeiros não enxergam, segundo o economista Felipe Ohana, consultor da Fundação Getúlio Vargas, muitas perspectivas de melhora para a poupança doméstica do Brasil, atrelada à recessão e ao déficit do orçamento público.

O que o mercado quer, então? Que o barco vire para a direita: "Que o governo abra mão de certas metas sociais em nome de deixar a economia crescer (depois de fazer o ajuste fiscal). Acho que o presidente terá que tomar medidas antipáticas ao sociólogo Fernando Henrique Cardoso", prevê o economista.



CRISE MEXICANA

CRISE ASIÁTICA

CRISE RUSSA

MORATÓRIA DOS ESTADOS